



A CRÍTICA DA COLONIZAÇÃO PERUANA E DAS TENSÕES CULTURAIS EM YAWAR FIESTA, DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

DOI: 10.48075/ri.v26i1.31763

Alessandra Ferro Salazar Caro¹

RESUMO: O encontro das culturas, como afirma Cuche (2002), não se limita às sociedades globais, mas também entre os sujeitos que compartilham o mesmo espaço social. Dessa forma, o trabalho em questão propõe analisar na obra *Yawar Fiesta* (2006), publicada inicialmente em 1941, pelo escritor peruano José María Arguedas, o encontro das culturas (quéchua e espanhola) nas práticas sociais que geram as desigualdades entre os grupos no Peru. O título da obra produz adorno simbólico que atravessa toda a narrativa. Mesclando enunciados em quéchua e em espanhol, o autor apresenta particularidades de ambas as culturas. Para respaldar essa investigação, utilizamos as contribuições de Cuche (2002) ao afirmar que a identidade cultural de um povo só pode ser compreendida ao estudar suas relações com os grupos vizinhos; Walter Mignolo (2005) e Aníbal Quijano (2005) ao questionar o discurso do europeu no que tange ao progresso e salvação, que conduz a uma divisão entre os povos. A metodologia utilizada para a realização do estudo se pauta na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Esse trabalho traz em seu bojo os fundamentos teóricos propostos por Quijano (2005); Cuche (2002) e Walter Mignolo (2005). Os resultados revelam que o reconhecer pelas indumentárias, cores, adereços e interesses, há um sentido social e cultural simbólico, pois é o reflexo de uma sociedade dividida, classista e racista em que um determinado grupo busca preservar a identidade cultural dos antepassados, e outra a nega, por considerar “atrasada”. Dessa forma, conclui-se, que as desigualdades geradas entre os grupos no Peru foram nutridas por um discurso de desenvolvimento e, assim, comprometeu o social e o cultural.

Palavras-chave: Arguedas; Decolonialidade; Identidade Cultural; Sociedade Peruana.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFMT), orientanda do Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee. Cuiabá, MT, Brasil. Professora EBTT do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus - Monte Castelo, São Luís, MA, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4907-2788>. E-mail: alessandraferro@ifma.edu.br

CRITICISM OF PERUVIAN COLONIZATION AND CULTURAL TENSIONS IN *YAWAR FIESTA*, BY JOSÉ MARÍA ARGUEDAS

ABSTRACT: The meeting of cultures, as Cucho (2002) states, is not limited to global societies, but also between subjects who share the same social space. Thus, the work in question proposes to analyze in the work *Yawar Fiesta* (2006), initially published in 1941, by the Peruvian writer José María Arguedas, the meeting of cultures (Quechua and Spanish) in the social practices that generate inequalities between groups in Peru. The title of the work produces a symbolic adornment that runs through the entire narrative. Mixing statements in Quechua and Spanish, the author presents particularities of both cultures. To support this investigation, we used the contributions of Cucho (2002) when stating that the cultural identity of a people can only be understood by studying their relationships with neighboring groups; Walter Dignolo (2005) and Aníbal Quijano (2005) when questioning the European discourse regarding progress and salvation, which leads to a division between peoples. The methodology used to carry out the study is based on qualitative bibliographical research. This work brings with it the theoretical foundations proposed by Quijano (2005); Cucho (2002) and Walter Dignolo (2005). The results reveal that recognizing clothing, colors, accessories and interests has a symbolic social and cultural meaning, as it is a reflection of a divided, classist and racist society in which a certain group seeks to preserve the cultural identity of their ancestors, and another denies it, considering it "late". Thus, it is concluded that the inequalities generated between groups in Peru were nourished by a discourse of development and, thus, compromised the social and cultural aspects.

Keywords: Arguedas; Decoloniality; Cultural Identity; Peruvian Society.

INTRODUÇÃO

O romance do escritor peruano José María Arguedas, *Yawar fiesta*, foi publicado em 1941. A obra apresenta as tradições e os enfrentamentos dos indígenas para conservar uma cultura que é menosprezada pelo branco. A narrativa está situada dentro do movimento indigenista, mas não é escrita por um indígena, porém a voz dada aos personagens é feita por um mestiço que foi criado pelos nativos.

Yawar fiesta é o primeiro romance de José María Arguedas. A obra é composta por 11 capítulos, prólogo e glossário que conduz o leitor à compreensão dos termos em *quéchua*. A narrativa explora os limites da linguagem, apresenta ora o registro de uma linguagem oral, mais coloquial, com gírias, ora uma linguagem mais refinada, mesclando enunciados em espanhol e em *quéchua*, registro que apresenta características e peculiaridades de ambas as línguas, por meio da adição de fonemas, frases e expressões idiomáticas, elementos e sotaques que manifestam os costumes do povo peruano.

A *Festa do Sangue*, tradução da obra para o português, surgiu no período colonial e faz parte das comemorações da festa da pátria em diferentes regiões do Peru. A celebração inicia com um touro e a captura do condor, essa última é considerada ave sagrada no Peru desde o período dos Incas, símbolo dos Andes, a ave era chamada de *Yawar*. O condor é considerado a maior ave voadora do mundo, podendo pesar 14 quilos e as asas ter em torno de 3,3 metros de largura. Após a captura da ave, o nativo adornava-a, embriagava-a e prendia nas costas do touro. O objetivo da dinâmica era que ambos os animais entrassem em confronto.

O ritual tem uma simbologia, se a ave não consegue escapar ou morre durante a luta, significa sofrimento e dias difíceis para a comunidade. De acordo com os relatos da obra, o simbólico da festa é referente à luta de classes, em que o touro representa à classe dominadora e a ave a classe dos oprimidos e explorados. Em *Yawar fiesta*, Arguedas aborda sobre a festa sangrenta de dominação do touro, da competição entre as comunidades indígenas de *K'ayau* com *Pichk'achuri* que envolvia os indígenas dos quatro bairros: *K'ayau*, *K'ollana*, *Pichk'achuri* e *Chaupi*, cada um contribuía com o melhor que podia, cantando, dançando ou tocando algum instrumento musical.

O prólogo escrito na obra por Sybila de Arguedas, em novembro de 2005, questiona: “Por que essa obra vale a pena para nós depois de mais de meio século de aparição?”² (ARGUEDAS, 2006, p.9. Tradução nossa). Uma das hipóteses apresentada por Sybila é que as façanhas narradas fazem parte da evolução histórica do Peru em sua essência política, e que nos permite compreender os fatos contemporâneos no Peru. Os relatos trazem as proezas da cidade de *Puquio* que nos brinda com uma radiografia do povoado, com divergências políticas, intrigas, rebelião e outros.

Para Sybila, em *Yawar fiesta*:

Se constitui um grande mural onde se expressa parte da história de uma “grande” cidade, capital da província do Peru, na qual o pincel, a broxa, as cores e o desenho das palavras de Arguedas, dão vida prolongada a uma fase que ele viveu. Pinta Puquio, “onde o autor passou parte de sua infância e adolescência”, segundo ele mesmo; na zona serrana, território chave do país e de onde extrai personagens reais, vitais e verdadeiros³ (ARGUEDAS, 2006, p.11. Tradução nossa).

² No original: “¿Por qué nos vale esta obra a más de medio siglo de aparecida?”.

³ No original: “Se constituye un gran mural donde se expresa parte de la historia de un pueblo “grande” capital de provincia del Perú, en que el pincel, la brocha, los colores y el dibujo de las palabras de Arguedas, dan vida prolongada a una etapa que él vivió. Pinta Puquio, “donde el autor pasó parte de su infancia y adolescencia”, dice él mismo; en zona de la sierra, territorio clave del país y de donde extrae personajes reales, vitales y verídicos”.

A obra é uma das possibilidades de suporte para compreensão dos fatos no Peru contemporâneo, expõe os enfrentamentos, a luta de classes e, em casos mais radicais, a morte dos nativos tratada com banalidade, algo rotineiro para a época. Nesse mural estampado, Arguedas imprimiu suas sensações, apresentou traços das sensações coletivas, bem como, a coragem e o empenho de um povo.

O romance apresenta o Peru com seus elementos culturais, no qual o indígena é apenas um dos diversos personagens nessa sociedade. Encontros e confrontos culturais entre o europeu e a civilização *Inca* são espelhos para os povos de ascendência hispano-indígena, e dão vida aos fatos narrados.

A obra investigada busca o reconhecimento e a inserção do andino, com suas particularidades dentro do mapa da nacionalidade peruana, reivindica a inclusão do andino que vive no exílio da existência dentro de seu próprio território, interpelando uma sociedade acostumada a distribuir gradações sociais em torno do pensamento que associava a raça ao atraso.

Nessa perspectiva, acreditamos que o nosso artigo é relevante para a sociedade, pois permite pensar a realidade e o mundo em que vivemos, possibilitando transformá-lo. Arguedas usa as palavras para denunciar a dominação vivenciada pelos nativos com o consentimento das instituições, traz os conflitos culturais para o núcleo da narrativa e, assim, desvela as peculiaridades de ambas as culturas. Neste artigo, buscamos analisar o encontro das culturas, quéchua e espanhola, nas práticas sociais que geram as desigualdades entre os grupos sociais. Portanto, esperamos contribuir para inspirar novas investigações e ampliar os conhecimentos a respeito da cultura peruana no contexto da América Latina, uma vez que, a análise nos permitiu compreender os elementos e sotaques que compõem a identidade cultural do povo peruano. Além disso, a obra pesquisada é referência nas discussões políticas, sociais e culturais, ou seja, ela dialoga com outras áreas do conhecimento, possibilitando articular o homem (sujeito/indivíduo) com o mundo e, dessa forma, contribui para estabelecer elos acadêmicos e científicos que permitam a reflexão sobre as práticas culturais, as estruturas de poder e dominação do sujeito, uma vez que, a narrativa rompe com as fronteiras e divide opiniões pelo mundo.

Este artigo está dividido em três seções. Primeiramente, exploraremos as contribuições intelectuais que inspiraram José María Arguedas, visando compreender as concepções ideológicas que pautaram sua trajetória e escrita; A seguir, faremos uma exposição pelas vias históricas sobre as estruturas de saber, ser e poder que contribuem para

as desigualdades entre o povo peruano apresentando os problemas sociais e raciais ancorados nos estudos desenvolvidos por Aníbal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2005). E, por fim, apresentaremos as tensões culturais entre as classes sociais por meio de excertos da obra.

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO ARGUEDIANO

Na metade do século XIX e início do século XX, a produção de narrativa e as políticas de cunho indigenista marcam as manifestações literárias produzidas no Peru. As reflexões e os temas que trazem o indígena para o centro das discussões estão expressos nas obras de Manuel González Prada, José Carlos Mariátegui, Jose María Arguedas e outros.

O crítico literário e ativista peruano Manuel González Prada é considerado o fundador do indigenismo peruano. Prada "assumiu a defesa dos despossuídos, dos trabalhadores, dos indígenas e busca no povo a possibilidade de transformação social" (RIBEIRO, 2017, p.154). O intelectual também considerou o catolicismo inimigo da humanidade, pois aprisionava o ser humano, omitindo o conhecimento e defendendo os interesses da classe dominante.

O sociólogo, escritor e ativista peruano José Carlos Mariátegui foi outro intelectual que defendeu as questões indígenas. No século XX, foi considerado importante pensador do marxismo latino-americano. Na obra *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* (2007), o autor apresenta ao leitor o sistema econômico dos *Incas*, os interesses políticos que visavam à coletividade, às comunidades que viviam em harmonia e como o colonizador desestabilizou a organização social e cultural do Peru. O intelectual acrescenta que a produção literária no Peru é diferente das outras nações, devido à oposição entre o *quéchua* e o espanhol, pois ambas as línguas possuem princípios históricos, políticos, sociais e culturais diferentes. Mariátegui (2007) afirma que a arte precisa estar nutrida da história de um povo. No caso do Peru, "a literatura não nasceu da tradição, da história, dos indígenas. Nasceu de uma importação de literatura espanhola; foi alimentada após a imitação da mesma literatura"⁴ (MARIÁTEGUI, 2007, p.201. Tradução nossa).

Na busca incessante para compreender a sociedade peruana, onde o indígena foi submetido à servidão, ocasionando diferenças raciais entre indígenas e brancos no mesmo substrato espacial, Mariátegui (2007) foi despertando novos adeptos. José María Arguedas

⁴ No original: "la literatura no ha brotado de la tradición, de la historia, del pueblo indígena. Nació de una importación de literatura española; se nutrió luego de la imitación de la misma literatura".

foi um desses apoiadores que alinhou o seu pensamento com as idealizações defendidas pelo intelectual.

De acordo com Leibner (1999), o pensamento de Mariátegui apresentou limitações devido à ausência de um contato direto com as comunidades. Por um lado, tinha a “tradução intercultural” que comprometia suas observações e, por outro, a forma como era sua “visão *criollo*⁵-mestiça dos índios” (LEIBNER, 1999, p.99). Nessas lacunas, Arguedas aprofundou suas investigações, pois apesar de ter ascendência espanhola, ele vivia com os indígenas, dominava o *quéchua*, e com isso ele apresentava mais domínio do que os estudiosos da época sobre o mundo andino.

O convívio com os indígenas proporcionou ao escritor compreender as desigualdades dentro do Peru, difundir os valores dos nativos para que fossem reconhecidos no país, pois “sem eles, o Peru jamais poderá se integrar, nem jamais poderá ter uma verdadeira identidade”⁶ (MIRO-QUESADA, 1994, p.14. Tradução nossa).

Por meio da escrita, com base na sua experiência pessoal, Arguedas pôde mostrar para o mundo o Peru que os livros apresentavam sutilmente. O autor extrai temas e personagens da camada tradicional, de forma a notar o popular com ressaltado valor em suas narrativas, demonstrando apreço e apego aos costumes que demarcam um traço notadamente característico nas obras.

Carmen Pinilla (1994), ao falar sobre o legado de Arguedas na obra *Arguedas: conocimiento y vida* (1994), expõe que:

[...] ao olhar para si mesmo, olha também para a sua sociedade. Que ao viver intensamente com os membros dela, ele os conhecerá e conhecerá a si mesmo. Que ao expressar sua vida ele expressaria um povo inteiro, e que ao expressar esse povo ele se expressaria⁷ (PINILLA, 1994, p.23. Tradução nossa).

A realidade andina apresentada nos livros e na literatura indigenista não fazia sentido para o autor que, inconformado com as inconsistências, colocou o mundo indígena, ao qual ele se via pertencente, no núcleo das suas obras.

No Peru, no que diz respeito à diversidade, a convivência foi traumática, pois por um longo período foi negada, ocasionando situações que levaram à exclusão. Arguedas foi um

⁵ Segundo o Diccionario de la Lengua Española/RAE: “Criollo,lla. adj. Dicho de una persona: Hija o descendiente de europeos, nacida en los antiguos territorios españoles de América o en algunas colonias europeas de dicho continente”. Disponível em: <https://dle.rae.es/criollo>. Acesso em: 1 ago. 2023.

⁶ No original: “sin ellos el Perú jamás podrá integrarse, ni jamás podrá tener una verdadera identidad”.

⁷ No original: “[...] al mirarse a sí mismo, mirase también a su sociedad. Que al vivir intensamente con los miembros de ella, los conociera y se conociera a sí mismo. Que al expresar su vida expresara a todo un pueblo, y que al expresar a ese pueblo se expresara a sí mismo”.

escritor que viveu em prol da diversidade e do equilíbrio entre o povo peruano, respeitando e apresentando as convenções das culturas que formam parte do país.

Até aqui, abordamos sobre os principais intelectuais que contribuíram, inicialmente para o pensamento do Arguedas, os projetos, as lutas e causas que foram tomando corpo na narrativa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar este estudo, produziu-se uma análise literária da obra *Yawar Fiesta*, de José María Arguedas, em sua versão publicada em 2006, pela Ediciones del Viento S.L. A obra traz um prólogo, de Sybila de Arguedas, e um vocabulário com termos em *quéchua* traduzidos em espanhol. O objetivo da análise consistiu em criar categorias de análise que permitissem compreender os elementos tensionais, de disputas culturais e criolização na cultura peruana, refletidas na narrativa arguediana.

Para tanto, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico visando analisar e discutir os referenciais teóricos, e esclarecer acerca dos conceitos que envolvem o tema. Dessa forma, o resultado da análise foi organizado a partir de três eixos-categorias, que orientam as reflexões e temas do texto: Sociedade, Colonização e decolonialidade, Tensões culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O escritor apresenta os valores, as normas e os costumes referenciando aos elementos da identidade cultural do povo peruano. As vestimentas, os espaços, as preferências e o estilo de vida de uma classe social diferenciam os grupos e demarcam as culturas no Peru. Entretanto, apontar as dimensões sociais não eleva à análise, Candido (2006) afirma que é preciso compreender, com o propósito de adentrar no significado. Dessa forma, os resultados revelam que o reconhecer pelas indumentárias, cores, adereços e interesses há um sentido social e cultural simbólico, pois é o reflexo de uma sociedade dividida, classista e racista em que um determinado grupo busca preservar a identidade cultural dos antepassados e outra a nega, por considerar “atrasada”. A estratificação social está presente na narrativa e se alinha aos costumes. Arguedas leva em consideração o elemento social, pois constrói sua narrativa visando uma reflexão explicativa.

Em *Yawar fiesta*, podemos capturar uma representação do poder econômico, cultural e da organização social em que as ações e os personagens são possíveis de ser detectados. Portanto, Arguedas, em sua função social de escritor, ressalta a língua quéchua, a poesia e os costumes dos nativos, ou seja, ele fortalece os aspectos culturais e evidencia o sistema de dominação, traduzindo-se pelo papel atribuído a ele como artista.

Nesse sentido, considerando que as atitudes comportamentais são norteadas pela cultura, nos questionamos, como José Maria Arguedas representa o encontro das culturas, quéchua e espanhola, na diegese narrativa? De que maneira as práticas sociais contribuíram para as desigualdades raciais e culturais do povo peruano?

A SOCIEDADE PERUANA PINTADA EM YAWAR FIESTA

Os capítulos que compõem a obra são estruturados em uma espécie de compilado de contos que se entrelaçam e formam a obra, são esboçados com títulos, cujo núcleo traz temas sobre a cultura andina e espanhola, os mitos, o folclore, as narrativas populares e as classes sociais. “Procura exhibir a alma da comunidade, o lúcido e o obscuro do seu ser; a maneira como a maré do seu destino atual os confunde incessantemente”⁸ (ARGUEDAS, 2006, p.154. Tradução nossa).

O primeiro capítulo, intitulado, *Pueblo índio* possui 10 páginas. O escritor inicia situando o espaço, em seguida, descreve os recursos naturais, os rios e a chegada dos “*mistis*”⁹ que culminou na separação dos espaços e categorizou as classes sociais.

Os *mistis* foram com seu padre, com seu Menino Jesus “estrangeiro”, fizeram sua praça de armas no canto da cidade; Mandaram construir sua igreja, com porta em arco e altar de ouro; e dali, da sua praça, como quem abre uma vala, foram erguendo a sua rua, sem respeitar a existência dos bairros indígenas¹⁰ (ARGUEDAS, 2006, p.20. Tradução nossa).

As ações apresentadas no fragmento acima, nos fazem pensar como se deu o processo de colonização, a apropriação dos recursos e das terras dos nativos, sustentado por um discurso de salvação que ainda se faz presente, figurado de modernidade. Mignolo

⁸ No original: “Se intenta exhibir el alma de la comunidad, lo lúcido y lo oscuro de su ser; la forma como la marea de su actual destino los desconcierta incesantemente”.

⁹ No original: “El “*misti*” no es el blanco, se designa con ese nombre a los señores de cultura occidental o casi occidental que tradicionalmente, desde la Colonia, dominaron en la región, política, social y económicamente. Ninguno de ellos, es ya, por supuesto, de raza blanca pura ni de cultura occidental pura. Son criollos”.

¹⁰ No original: “Los *mistis* fueron con su cura, con su Niño Dios “extranjero”, hicieron su plaza de armas en el canto del pueblo; mandaron hacer su iglesia, con puerta de arco y altar dorado; y de ahí, desde su plaza, como quien abre acequia, fueran levantando su calle, sin respetar la pertenencia de los ayllus”.

(2008) afirma que “no século XVI, a retórica salvacionista da modernidade enfatizava a conversão ao cristianismo” (MIGNOLO, 2008, p.243). A igreja regimentava e condicionava os sujeitos que, assujeitados aos preceitos religiosos do dominador, tinham que aceitar o catolicismo e, com isso, abrir mão das suas crenças em prol da salvação.

No século XVIII, o discurso de salvação estava atrelado à civilização. Os sujeitos, para obter a salvação, precisavam ser civilizados aos *modus operandi* do colonizador. Após a Segunda Guerra Mundial, “a retórica salvacionista da modernidade celebra o desenvolvimento como condição da modernização” (MIGNOLO, 2008, p.243). O discurso de salvação foi nutrindo ao longo dos séculos e, hoje, está presente nas práticas comportamentais provocando as desigualdades sociais, étnicas e culturais, pois quem discorda é considerado atrasado.

O Peru desenhado em *Yawar fiesta* apresenta o preconceito e as desigualdades atravessando toda a narrativa. A subjetividade do peruano está presente nas estruturas de poder, ser e saber, denotando o reflexo do processo de colonização do continente. As inverdades inventadas com o propósito de obter lucros aparecem adornadas com novos trajes e, a partir dessas novas vestimentas, fazem emergir na diegese os mais variados discursos. “*Yawar Fiesta* é o romance da dicotomia e incompreensão que existe entre o Peru ameríndio e montanhoso e o Peru costeiro ocidental”¹¹ (HARE, 2021, p.157. Tradução nossa).

O autor nos brinda, a partir da sua perspectiva, com a representação da sociedade peruana, o desconforto do nativo, os vínculos com a capital e a concepção que os *mistis* têm do indígena. Antes da chegada dos forasteiros, a região da puna é descrita como grande extensão de terra, sem espaços demarcados, onde a única divisão é um riacho ou o cume de uma montanha, nesse espaço, todos podem usufruir livremente. Para o homem branco, as montanhas da puna não tinham nada que poderia proporcionar-lhe qualquer benefício.

Ao passo do tempo, os *mistis* perceberam que poderiam ganhar dinheiro se apropriando das terras e dos animais dos indígenas, pois era rentável esse novo investimento. Sorrateiramente, foram tirando escrituras e documentos de toda espécie, dizendo que eram os donos da puna, subornando as autoridades, juízes e subprefeito, para legitimar que eram os verdadeiros donos daquela região.

Na cerimônia de posse, o juiz lia os papéis, porém os indígenas não entendiam, em seguida, ele falava em *quéchua*, dizia que tudo que estava naquela região pertencia ao novo dono.

¹¹ No original: “*Yawar Fiesta* es la novela de la dicotomía y de la incompreensión que existe entre el Perú ameríndio y serrano y el Perú occidental costeño”.

Os indígenas olharam para o juiz com medo (...). O padre pôs nos braços uma larga faixa de seda, como se fosse um batismo, olhou para longe, em todas as direções e, depois, rezou um pouco. Então, como o juiz, dirigiu-se aos indígenas:

- *Cumunkuna*: com a lei foi provado que o senhor Santos é dono desses ranchos. Agora senhor Santos vai impor respeito; vai ser o patrão dos indígenas que vivem nessas terras. Deus no céu também respeita a lei; a lei é para todos, igualmente. *Cumunkuna*, vamos ver! Beijem a mão do senhor Santos¹² (ARGUEDAS, 2006, p.28-29. Tradução nossa).

No romance, os indígenas, com medo das retaliações, quase não questionam as imposições. Por outro lado, a igreja usa o livro sagrado para legitimar as práticas de apossamento dos espaços, validando uma língua e uma cultura em detrimento de outra.

Por meio de artimanhas pactuadas entre as autoridades locais, o dono vira servo do branco, sem defesa e sem direito de reclamar, pois, caso tentasse reverter à situação, o açoite e a prisão os esperam. Bondy (2016) afirma que o escritor Julio Chiriboga apresenta uma visão do Peru com tons de ironia, “se você tem um inimigo, aplique a ele a lei”¹³ (BONDY, 2016, p.183. Tradução nossa). Sempre que o nativo se estabelece em outras terras, começa a plantar e a criar animais, novamente o branco aparece para dizer que aquele espaço pertence a ele. Assim, o indígena desce para os povoados e chega como forasteiro do que antes era dono.

COLONIZAÇÃO E DECOLONIALIDADE

Para Hare (2021), “o verdadeiro protagonista do romance é o confronto de duas visões do mundo. É o conflito entre duas sociedades”¹⁴ (HARE, 2021, p.157. Tradução nossa). Por um lado, temos a visão do indígena com seus costumes e tradições que visa preservá-los. Por outro, temos uma elite que critica os hábitos e a postura dos nativos e busca inserir a cultura espanhola, porém menospreza a cultura dos antepassados e tudo que está relacionado aos indígenas e, assim, colonizar os sujeitos. “Precisamos de autoridades que

¹² No original: “Los indios miraban al juez con miedo. (...). El cura se ponía en los brazos una faja ancha de seda, como para bautizos, miraba lejos, en todas direcciones, y después, rezaba un rato. En seguida, como el juez, se dirigía a los indios:

- *Cumunkuna*: con la ley ha probado don Santos que estos echaderos son de su pertenencia. Ahora don Santos va a ser respeto; va a ser patrón de indios que viven en estas tierras. Dios del cielo también respeta ley; ley es para todos, igual. *Cumunkuna* ¡a ver! besen la mano de don Santos”.

¹³ No original: “si tiene un enemigo, aplíquele la ley”.

¹⁴ No original: “el verdadero protagonista de la novela es el enfrentamiento de dos visiones del mundo. Es el conflicto entre dos sociedades”.

venham nos ensinar e que estejam determinadas a impor a cultura estrangeira”¹⁵ (ARGUEDAS, 2006, p.58-59. Tradução nossa).

Para Carbonieri (2016), a colonização mais sorrateira é aquela que convence os colonizados que os seus valores culturais e intelectuais são inferiores aos do opressor.

Então, mesmo que a emancipação traga a independência política, nas mentes dos colonizados, as amarras estão tão bem assentadas que eles mesmos muitas vezes não percebem essa restrição e são os primeiros a defender a superioridade da herança ocidental (CARBONIERI, 2016, p.284-285).

Para as autoridades de *Puquio*, a herança colonial representa orgulho e os nativos é a vergonha da nação. A tourada, à moda indígena, é vista de forma grosseira e ultrajante pelas autoridades. Enquanto, as touradas realizadas na capital, Lima, é arte. O discurso colonial é ambíguo, se desliza entre diferentes e iguais, é ancorado com o intuito de expor os colonizados como atrasados e bárbaros. Conforme o excerto da obra, no diálogo entre o subprefeito e algumas autoridades de *Puquio*:

-[...] Porque os índios também são como bichos...[...]
Mas não pensei que fosse tão selvagem. Já o veremos. Só que talvez isso não seja muito cristão...
-Não diga, Sr. Subprefeito; seu antecessor era de Lima de ponta a ponta [...]
-[...] Antes, em outros tempos, nossos avós tinham que lutar para reprimir esses índios. E deram mais de um susto neles! Agora nos damos entre bem e mal. E esses *cholos* valem a pena!¹⁶ (ARGUEDAS, 2006, p.51-52. Tradução nossa, grifos nossos).

Walter Mignolo, na obra *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial* (2005), afirma que a história do mundo pode ser contada de várias maneiras, desde a perspectiva da modernidade, passando por alto a da colonialidade. Não tratando só de conflitos, mas de distintas interpretações do ponto de vista do europeu, por meio do cristianismo e das ideologias marxistas.

Os povos que viviam no continente americano foram apresentados inferiores nos relatos europeus. A América Latina passou a se considerar inferior. A latinidade foi a identidade que os franceses reivindicaram, e adotada pela elite *criolla* que apagou ou

¹⁵ No original: “Necesitamos de autoridades que vengan a enseñarnos y que estén resueltas a imponer la cultura del extranjero”.

¹⁶ No original: “-[...] Porque los indios son también como fieras...[...]
-Pero yo no creí que fuera tan salvaje. Ya lo veremos. Sólo que quizá no es muy cristiano eso...
-No diga, señor subprefecto; su antecesor era limeño de pura cepa [...]
-[...] Antes, en otros tiempos, nuestros abuelos tuvieron que pelearse para sujetar a estos indios. ¡Y más de un susto les dieron! Ahora nos llevamos entre bien y mal. ¡Y valen estos cholos!

degradou a identidade dos indígenas e dos sul-americanos de origem africana. Com esse apagamento a ideia da América Latina foi compartilhada como verdades absolutas.

A ideia de descobrimento e invenção faz parte de dois paradigmas na geopolítica do conhecimento, não se trata somente de uma diferença terminológica, senão também do conteúdo do discurso. O termo descobrimento parte da perspectiva da história mundial adotada pela Europa, enquanto o termo invenção é o ponto de vista daqueles que foram esquecidos.

Para Mignolo (2005), colonizar o ser é difundir a ideia de que alguns povos não têm história, ou seja, não fazem parte da história. Na narrativa produzida pela Europa, os povos que viviam no continente americano foram apresentados inferiores, os nativos sem domínio das línguas oficiais da Europa foram chamados de bárbaros e suas histórias foram sucumbidas ao esquecimento.

Ao esconder o lugar do sujeito da enunciação, a dominação e a expansão coloniais europeias/euro-americanas conseguiram construir por todo o globo uma hierarquia de conhecimento superior e inferior e, conseqüentemente, de povos superiores e inferiores (GROSFOGUEL, 2008, p.120).

A Crítica decolonial questiona as verdades inventadas e transmitidas pelo europeu, que ainda fazem parte da subjetividade, verdades essas que foram fabricadas para excluir uns e beneficiar outros. Ocultar o outro foi uma prática recorrente para que uma cultura se sobreponha.

Aníbal Quijano (2005) ressalta que a história do poder colonial teve duas conseqüências decisivas. Primeiramente, trata-se dos povos que foram despojados de suas identidades históricas. Em seguida, trata da identidade racial, colonial e negativa, que implica o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. O resultado dessas conseqüências seria raças e culturas inferiores. Assim, a base padrão de poder da colonialidade eleva o europeu e desqualifica o não-europeu, ou seja, tudo que está relacionado aos povos da América é ultrapassado, arcaico e inferior. Dessa forma, o europeu se autodeclara como civilização superior aos demais povos, visto que, tinha imposto os seus costumes.

Na América, as relações de dominação são manifestadas pela discriminação racial. Dentro do protótipo de poder da colonialidade, a divisão social da população está imbricada com a ideia de raça, que para Quijano (2005), o termo raça é uma construção mental que construiu na “América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e

redefiniu outras” (QUIJANO, 2005, p.117). Com o objetivo de dominar e classificar a população, associando relações de superioridade e inferioridade entre dominados e dominadores, validação do conhecimento na perspectiva do europeu e menosprezo do conhecimento produzido fora do eixo europeu.

Quijano (2005) aborda que todos esses procedimentos estão mutuamente interligados, de maneira que não poderiam ser "cultivadas e desenvolvidas sem a colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005, p.127). A colonialidade inicia com os nivelamentos hierárquicos do europeu e o não-europeu manifestada nos domínios políticos, econômicos, sociais e culturais. Para Mignolo (2005), “A ‘colonialidade’, então, consiste em revelar a lógica oculta que impõe o controle, a dominação e a exploração, lógica oculta por trás do discurso da salvação, do progresso, da modernização e do bem comum”¹⁷ (MIGNOLO, 2005, p.32. Tradução nossa).

O discurso retórico da modernidade foi criado para entreter a atenção para as formas de opressão operada pela colonialidade, prometendo salvação, o discurso é explicado pela retórica do desenvolvimento, democracia e uma economia forte. A colonialidade é um processo multifacetado que se entrecruza e opera, segundo Mignolo (2005), em quatro domínios da experiência humana: o econômico, o político, o social e o epistêmico.

Na contemporaneidade, os grupos étnicos reivindicam sua história. Antes da “invenção da América” não existiam as divisões entre os grupos. Para Quijano e Wallerstein (1992) a etnicidade foi à consequência cultural da colonialidade, pois delineou as fronteiras sociais, dividiu e controlou o trabalho, designou escravidão para os negros e servidão para os indígenas. Por fim, a etnicidade alimentou o racismo que estava camuflado pela meritocracia.

Os questionamentos que tomaram corpo entre os oriundos da Península Ibérica giravam em torno da existência dos indígenas como seres humanos ou se eles tinham almas. Enquanto, difundiam dúvidas, os colonizadores dominavam e destruíram sociedades aborígenes desenvolvidas que não eram apreciadas pelo dominador. Dessa forma, submeteu os donos à servidão.

Em *Yawar fiesta*, as pessoas são classificadas de acordo com os *ayllus* que pertencem. Em todas as montanhas é anunciado o grande festival de sangue. As festividades movimentam a cidade, todo o povoado está eufórico com a competição entre os bairros.

¹⁷ No original: “La ‘colonialidad’, entonces, consiste en develar la lógica encubierta que impone el control, la dominación y la explotación, una lógica oculta tras el discurso de la salvación, el progreso, la modernización y el bien común”.

Para a elite, a forma como os indígenas praticam a tourada é classificado como um ato de selvageria e, devido a isso, cogita legitimar a cultura espanhola. Assim, o subprefeito convida as autoridades para informar sobre a circular do governo proibindo as touradas:

Para os senhores que tanto falaram sobre as touradas nesta cidade, é uma fatalidade. Mas creio que esta proibição é para o bem do país, porque põe fim a um costume selvagem, segundo os senhores mesmo me informaram, porque os touros provocam mortos e feridos. Como os senhores percebem, eu tenho que cumprir esta ordem. E aviso a tempo para que contratem um toureiro em Lima, se quiserem ter corrida na comemoração do dia da independência¹⁸ (ARGUEDAS, 2006, p.55. Tradução nossa).

O discurso do subprefeito desvia da argumentação apresentada por ele, pois em primeiro momento, ele afirma que a corrida de touro é um ato de barbaridade, “*salvajismo*”, entretanto, em seguida, ele acrescenta, caso a comunidade aspire à corrida, que contrate um profissional de Lima. O problema não é aparentemente a corrida de touro, mas por quem será realizada. Ao sugerir que a comunidade providencie um profissional da capital, é evidenciado que a corrida, à moda indígena, representa um atraso, ao passo que, a corrida realizada na capital simboliza a civilização.

Ao entrar em contradição, no discurso, o subprefeito permite que o leitor perceba a intenção e se questione: quais os interesses do subprefeito para trazer um profissional de Lima? O Subprefeito estaria atendendo aos interesses de quem?

AS TENSÕES CULTURAIS

Arguedas ao abordar sobre as mudanças dos costumes, a proibição da corrida de touro e, ao criar a personagem *Don Pancho*, informa ao leitor que todas as comunidades de *Puquio* se divertem com a corrida de touro realizada, à moda indígena, independente de crença, raça ou *status* social. O que podemos perceber é que os costumes indígenas constroem a sociedade elitizada de *Puquio*, porém em algumas ocasiões se mesclam.

Bondy (2016) compreende a cultura como “um sistema de valores, símbolos e atitudes com que um grupo humano responde às solicitações e conflitos que provêm do

¹⁸ No original: “Para ustedes que han hablado tanto de las corridas de este pueblo, es una fatalidad. Pero yo creo que esta prohibición es en bien del país, porque da fin a una costumbre que era un salvajismo, según ustedes mismos me han informado, porque los toros ocasionan muertos y heridos. Como ustedes se dan cuenta, yo tengo que hacer cumplir esta orden. Y les aviso con tiempo para que contraten a un torero en Lima, si quieren tener corrida en fiestas patrias”.

mundo e da existência”¹⁹ (BONDY, 2016, p.176. Tradução nossa). Para o referido autor, o sujeito culto é aquele que assimila e atua conforme os valores adquiridos. Assim, mostra o grau de adaptação, aceitação e apreciação do sujeito.

Na narrativa, ser comparado com indígena ou oriundo da serra é repugnante. O subprefeito é do litoral e o Sargento é de Arequipa, ambos valorizam outra cultura, e o que é diferente aos olhos, causa estranheza. Para o senhor Demétrio, *Puquio* é um povoado sujo, “*basureto*”. *Don Pancho* se reconhece em *Puquio*, “eu sou daqui meu corpo cresceu aqui; para mim, verdades sejam ditas. *Puquio* não é feio. Já tentei morar em outras cidades (...)”²⁰ (ARGUEDAS 2006, p.75. Tradução nossa). Ambas as personagens pertencem ao mesmo espaço, mas com ponto de vista diferente sobre o ambiente, no que tange à cultura.

Na obra, *A noção de cultura nas ciências sociais*, Cuche (2002) aponta que os comportamentos são ditados pela cultura, que é uma produção histórica e se fortalece no conflito, e ao defender a autonomia cultural está defendendo a preservação da identidade coletiva. No campo político, religioso ou em qualquer outro, a cultura não é fixa, “ela não pode ser manipulada como um instrumento vulgar, pois ela está relacionada a processos extremamente complexos e, na maior parte das vezes, inconscientes” (CUCHE, 2002, p.15).

Segundo Cuche (2002), no século XVIII, o termo “cultura” é escrito no singular, pois reflete ao universal e o humanismo dos filósofos. Para os iluministas, a palavra cultura está relacionada “às ideias de progresso, de evolução, de educação”, ou seja, a palavra cultura está próxima ao termo civilização. “Cultura” evoca principalmente os progressos individuais, “civilização”, os progressos coletivos.

Para os filósofos reformistas, a civilização é o processo que arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade; é um processo de melhoria das instituições, da legislação, da educação. Aos povos que estão mais avançados nesse processo “civilizatório” podem se considerar civilizados, e aqueles que, mesmo os mais “selvagens”, têm inclinação para aderir à civilização, cabe aos mais avançados a obrigação de ajudar a diminuir a defasagem.

O termo civilização era preferido pelos pensadores franceses, enquanto o termo cultura era deixado de lado. Contrariamente da França, na Alemanha, a burguesia e a aristocracia não tinham laços estreitos. O distanciamento entre as classes sociais alimentava um ressentimento entre os intelectuais da segunda metade do século, que respingou nos

¹⁹ No original: “un sistema de valores, símbolos y actitudes con que un grupo humano responde a las solicitudes y conflictos que provienen del mundo y la existencia”.

²⁰ No original: “Yo soy pues de aquí mi cuerpo ha crecido en este aire; para mí, valgan verdades. *Puquio* no es feo. Yo he probado a vivir en otros pueblos”.

valores, opondo aos “valores chamados “espirituais”, baseados na ciência, na arte, na filosofia e também na religião, aos valores “corteses” da aristocracia” (CUCHE, 2002, p.24). Para alguns eruditos, somente os primeiros valores eram considerados verdadeiros, os outros eram banais e inautênticos, porque os princípios que o governo alemão estava ancorado desamparavam as artes e a literatura, empregando a maior parte do tempo aos interesses da corte e em “imitar as maneiras civilizadas da corte francesa”.

Assim, cultura e civilização são as palavras para definir os valores dos dois sistemas.

Tudo que o que é autêntico e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual será considerado como vindo da cultura; ao contrário, o que é somente aparência brilhante, leviandade, refinamento superficial, pertence à civilização (CUCHE, 2002, p.25).

Cuche (2002) aponta que as culturas nascem dos vínculos sociais. Ao abordar sobre cultura “dominante” ou cultura “dominada”, o autor constata que, “na realidade, o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros” (CUCHE, 2002, p.145).

Na narrativa, a personagem Demetrio Cáceres informa ao leitor que a corrida de touro praticada em Lima é arte, porém a praticada em Puquio “é desonrosa para a nossa cidade”²¹ (Arguedas, 2005, p.56. Tradução nossa). Lima aguça a curiosidade, a agitação do fluxo dos carros, a frivolidade e a arquitetura despertam, no serrano, novos costumes. O autor revela que só as autoridades visitam a capital com frequência, o retorno para *Puquio*, às vezes demora meses, e quando regressam, trazem na mala “roupa estrangeira nova”²² (ARGUEDAS, 2006, p.82. Tradução nossa).

Um costume, que vale ressaltar, emblemático no continente sul-americano, é que muitos filhos de famílias humildes são entregues às famílias ricas, porque consideram que os filhos poderão ter um destino melhor que os genitores. Diante das oportunidades oferecidas pela capital, alguns indígenas decidem ficar. Enquanto, outros decidem regressar, porém trazem na bagagem novos modos. Assim, as cores e vestimentas vão mudando, adequando-se às tendências da costa, dos costumes “civilizados” da capital. De volta a *Puquio*, tornam-se piada por imitar os hábitos diferentes da serra.

De volta, pareciam diferentes, andavam apressados nas ruas, quebrando o corpo para trás; e falam castelhano puro, sem “/e/le/” dizendo “ga/lo” em vez de galinha.

²¹ No original: “es deshonrosa para nuestro pueblo”.

²² No original: “ropa extranjera nueva”.

E assustavam os amigos, dizendo que tinham visto casas que chegavam quase ao céu, que as ruas estavam obstruídas por pessoas, os carros soavam mais alto que o trovão em janeiro e fevereiro; [...] ²³ (ARGUEDAS, 2006, p.82. Tradução nossa).

No artigo, *Da mímica e do homem* *Ambivalência do discurso colonial*, Bhabha (1998) aponta que:

A mímica não esconde presença ou identidade atrás de sua máscara (...). A ameaça da mímica e sua visão *dupla* que, ao revelar a ambivalência do discurso colonial, também desestabiliza sua autoridade (BHABHA, 1998, p.133).

Assim, a mímica colonial trata-se da imitação dos modos do colonizador pelo colonizado.

CONCLUSÃO

Em *Yawar fiesta*, Arguedas apresenta os costumes de um país dividido entre duas culturas em que uma se veste de “civilizada” e a outra, sem domínio dos costumes e da língua espanhola, é considerada degenerada e selvagem aos olhos das autoridades. Com fios soltos, os nativos se enredam à cultura imposta para praticar a corrida de touro à moda espanhola, em nome da modernidade e civilização.

Ao descrever as culturas, Arguedas nos apresenta uma sociedade dividida por um grupo que tentar impor uma cultura ocidental e, por outro lado, um grupo que visa conservar a cultura dos antepassados. As diferenças culturais são notáveis nas práticas diárias, no vestir, no falar ou no andar.

Pelo prisma das autoridades, as atitudes comportamentais são consideradas ignorância. Dessa forma, exploram os nativos e aproveitam para afirmar que o bradar da natureza, o qual deixa os indígenas com medo, é bom e sagrado, e que em alguns casos, o rugir é intencional e, assim, sustentar a servidão.

Ao tecer sobre a cultura e a identidade do sujeito peruano, Arguedas se vale das próprias experiências, apresentando ao leitor as suas criações literárias imbricadas na realidade e ficção de uma nação que fervilha por uma posição melhor dentro dos espaços. O

²³ No original: “De vuelta, parecían distintos, andaban ligero en las calles, quebrantando atrás el cuerpo; y hablan puro castellano, sin, “elle” diciendo “gayo” en vez de gallina. Y asustaban a sus amistades, contando que habían visto casas que llegaban casi hasta el cielo, que las calles se atoraban con la gente, los carros sonaban más fuerte que los truenos de enero y febrero; [...]”.

autor deseja a difusão e o reconhecimento da cultura *quéchua* e, de igual modo, da cultura espanhola, sem distinção.

Em meio às luzes e sombras, o autor traz culturas plurais para o núcleo das discussões. Durante as festividades, as classes sociais e culturais se diferenciavam pelas vestimentas, cores, tecidos, adereços e a hostilidade que domina o corpo e a mente.

O processo de colonização na América Latina desequilibrou a cultura local com práticas racistas e classistas, foi disseminando que a civilização tiraria as pessoas da ignorância, pois deixariam de ser “bárbaros” e melhoraria as instituições. Para os “civilizados”, a cultura andina pouco importava. Assim, o imaginário do peruano era nutrido por um discurso de desenvolvimento, mesmo que abrindo mão de um passado histórico. Dessa forma, a cultura do colonizador foi imposta, acarretando traumas, marcas e feridas abertas que ainda jorra sangue no sujeito latino-americano.

A criação literária fertilizada na América Latina produz narrativas que compõem o processo histórico de construção do continente, como: as resistências, apropriação dos recursos naturais, exploração do trabalho, classificação racista, relações de poder, a cultura e os regimes antidemocráticos que, ainda, fazem parte do continente. Portanto, a arte literária serve de apoio para a compreensão desses conflitos e de outros que abalam o homem. Assim, com o nosso artigo, apresentamos como os saberes do europeu contribuíram para as desigualdades raciais e sociais e culturais não só do povo peruano, mas do próprio continente.

REFERÊNCIAS

ARGUEDAS, J. M. *Yawar fiesta*. España: Ediciones del viento S.L. Viento simún 20, 2006.

ARGUEDAS, J. M. Puquio, una cultura en proceso de cambio. *Revista del Museo Nacional*. Tomo XXV. Lima: 1956. p. 184-232.

ARGUEDAS, J. M. María. *Qepa Wiñaq... Siempre Literatura y antropología*. España: Edición crítica de Dora Sales. Iberoamericana. Vervuert. 2009.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONDY, A. S. La cultura de la dominación. In: TANAKA, Martín (Org) *Antología del pensamiento crítico peruano contemporáneo*. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2016, p. 175-195.

- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9.ed- Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARBONIERI, D. Pós-colonialidade e decolonialidade: Rumos e Trânsitos. *Revista Labirinto*. Ano XVI, v. 24, n. 1, 2016, p. 280-300. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/1746/1620>. Acesso em: 14 out. 2022.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*; Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed- Bauru: EDUSC, 2002.
- CRIOLLO. In: Diccionario de la Lengua Española. Real Academia Española [Online]. Madrid: 2023. Disponível em: <https://dle.rae.es/criollo>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- GROSFOGUEL, R. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Tradutor: Inês Martins Ferreira. Coimbra, v.80, 2008, p. 115-147. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: 9 set. 2022.
- HARE, C. *Arguedas y el mestizaje de la lengua: "Yawar Fiesta"*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2021, p. 156-164. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1130980>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- LEIBNER, G. La Protesta y la andinización del anarquismo en el Perú, 1912-1915. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*. v. 5, n. 1, jan.1994. Disponível em: <https://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/1228/1256>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- MARIÁTEGUI, J. C. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas. República Bolivariana de Venezuela. Fundación Biblioteca Ayacucho. Colección Clásica, N° 69. 3. ed. 2007.
- MIGNOLO, W. D. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*; traducción de Silvia Jawerbaum y Julieta Barba. Editorial Gedisa Blackwell Publishing, Barcelona, 2005.
- MIGNOLO, W. D. Novas reflexões sobre a “ideia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção decolonial. In: *Caderno CRH. Salvador*, v. 21, n. 53, maio/Ago, 2008, p. 239-252. DOI: 10.9771/ccrh.v21i53.18970. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18970>. Acesso em 5 mai. 2023.
- MIRO-QUESADA. C. F. Prólogo. In: PINILLA, C. María. *Arguedas: conocimiento y vida*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 1994.
- PINILLA, C. M. *Arguedas: conocimiento y vida*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 1994.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 107-130.

QUIJANO, A; WALLERSTEIN, I. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. América: 1492-1992. Trayectorias históricas y elementos del desarrollo. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*. Catalunya, v. XLIV, n. 4, 1992, p. 583-591.

RIBEIRO, L. R. O indigenismo peruano na Revista América Indígena: Organo Trimestral del Instituto Indigenista Interamericano (1941-1946). In: *VIII Congresso internacional de História*. p. 153-157, 2017. DOI: 10.4025/8cih.pphuem.3625. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3625.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Festividades do Peru. Machu Picchu Viagens. *Yawar Festa e Cápac Raymi*. Disponível em: <https://www.viagensmachupicchu.com.br/dicas/festividades/yawar-festa-e-capac-raymi-festividades-do-peru>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Recebido em 21 de agosto de 2023.

Aprovado em 07 de novembro de 2023.

